

IV Congreso Internacional Cuestiones Críticas

Rosario | 30 de septiembre, 1 y 2 de octubre de 2015

Centro de Estudios de Literatura Argentina | Centro de Estudios en Teoría y Crítica Literaria
Maestría en Literatura Argentina / Facultad de Humanidades y Artes - Universidad Nacional de Rosario



A narrativa poética de *Nossos Ossos*, de Marcelino Freire

Jéssica Domingues Angeli¹

Faculdade de Ciências e Letras da UNESP de Araraquara

angelijd@gmail.com

Resumo: A narrativa poética, conforme definição de Tadié (1978), é um gênero híbrido, uma narrativa em prosa cujos procedimentos de ação e efeito remetem ao poema: contém elementos da narrativa – autor, narrador, protagonista, enredo, espaço e tempo – e do poema: estrutura, mito, estilo e ritmo e sonoridade. O narrador, que também é protagonista, recebe traços biográficos do autor e, soberano, mantém submissos tempo, espaço e os demais personagens, que só existem em função dele. A partir dessa definição, o trabalho analisará *Nossos Ossos*, observando como o narrador/protagonista do romance, e sua viagem até Pernambuco, conferem traços da narrativa poética à obra. Ao analisar a construção do narrador/personagem – bem como sua relação com o espaço, tempo e os demais personagens – observando os aspectos da narrativa e da poesia, que contribuem, conjuntamente, para o todo de sentido da obra, esperamos apontar a presença da estrutura híbrida definida por Freedman (1971) e Tadié (1978).

Palavras-chave: Narrativa – Poética – Nossos – Ossos – Marcelino

Abstract: The lyrical novel, as defined by Tadié (1978), is a hybrid genre, a prose narrative whose procedures of action and effect refer to the poem: contains elements of the story – author, narrator, protagonist, plot, space and time – and poem: structure, myth, style, rhythm and sonority. The narrator, who is also the protagonist, gets biographical traits of the author and, sovereign, submits time, space and the other characters who only exist because of him. From this definition, the work will examine *Nossos Ossos*, noting as the narrator/protagonist of the novel, and his trip to Pernambuco, confer traits of poetic narrative to the book. By analyzing the construction of the narrator/protagonist – and its relationship to space, time and the other characters – observing aspects of narrative and poetry, which contributes jointly to the whole meaning of the work, we hope to point to the presence of the hybrid structure defined by Freedman (1971) and Tadié (1978).

Keywords: Lyrical – Novel – Nossos – Ossos – Marcelino

¹ **Jéssica Domingues Angeli:** aluna do curso de graduação em Letras da UNESP – Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara. Bolsista do Conselho de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

IV Congreso Internacional Cuestiones Críticas

Rosario | 30 de septiembre, 1 y 2 de octubre de 2015

Centro de Estudios de Literatura Argentina | Centro de Estudios en Teoría y Crítica Literaria
Maestría en Literatura Argentina / Facultad de Humanidades y Artes - Universidad Nacional de Rosario



A narrativa poética é um gênero híbrido que mistura a estrutura narrativa – personagens com os quais acontece uma história em um ou mais lugares – a procedimentos da poesia. Há, logo, uma tensão constante entre as funções referencial – evocação e representação – e poética – que atrai a atenção para a forma da mensagem, de modo que a aproximação com a poesia aparece, mais evidentemente, na elaboração da linguagem: rimas, metáforas, paralelismos, ritmo.

Nossos Ossos, primeira narrativa “longa” do contista Marcelino Freire, lançado em 2013, trata de questões inerentes à condição humana, o sofrimento causado pelo abandono, a luxúria e a culpa. Somado a isso, a narrativa também possui traços de lirismo: metáforas, metonímias, rimas, assonâncias e aliterações, de modo que a narrativa se volta para si mesma, para a maneira como se apresenta, indicando ao leitor que é necessário se deter na sua forma, para que ele, tanto da forma quanto do conteúdo, depreenda o significado da obra. Trata-se, logo, de uma narrativa poética.

Heleno nasceu em Sertânia, no interior de Pernambuco, e migrou para São Paulo quando Carlos, seu primeiro amor, mudou-se para lá e o convenceu a fazer o mesmo. Ao chegar, porém, percebeu que ninguém esperava por ele. Depois de passar por uma série de dificuldades, Heleno consegue se transformar em um dramaturgo de sucesso. Quando a narrativa começa, o narrador está em um momento de crise, abalado pela morte de Cícero, um michê, também de origem nordestina, com o qual havia saído algumas vezes. Forçado a pensar a respeito da sua vida, que, desde a desilusão com Carlos, consistiu em se envolver com garotos de programa, Heleno se sente culpado por se aproveitar desses rapazes e por, de certa forma, incentivá-los a continuar se prostituindo. Diante do arrependimento, a única solução que encontra é dar um enterro digno a Cícero.

Heleno inicia, então, uma investigação para descobrir o endereço da família do “boy”, como ele costuma chamá-lo. Para isso, ele, que já estava familiarizado com seres marginais, mergulha ainda mais no submundo de São Paulo. Descoberto o endereço, Heleno contrata uma funerária para transportar

IV Congreso Internacional Cuestiones Críticas

Rosario | 30 de septiembre, 1 y 2 de octubre de 2015

Centro de Estudios de Literatura Argentina | Centro de Estudios en Teoría y Crítica Literaria
Maestría en Literatura Argentina / Facultad de Humanidades y Artes - Universidad Nacional de Rosario



o corpo e, depois de acertar as contas com a cidade, retorna, ele também, para o Nordeste.

A narrativa se divide em duas partes: plano dos acontecimentos – investigação acerca da família do “boy” e viagem até Poço do Boi – e plano da memória que, por sua vez, se divide em outras duas partes: lembranças concentradas em Sertânia e em São Paulo. O narrador insere, de maneira não linear, entre os capítulos em que se concentram os acontecimentos, lembranças de Pernambuco: a infância, os pais; e de São Paulo: os encontros com Cícero e com outros garotos de programa, o sofrimento causado pelo abandono de Carlos.

O narrador-protagonista, como é característico da narrativa poética, apresenta muitos dos traços do autor: “*the author is identical with the hero, who portrays himself [...]*”² (FREEDMAN, 1970, p. 11). Ambos, Heleno e Marcelino Freire, têm 9 irmãos, são naturais de Sertânia e trabalharam como atores. Além disso, têm em comum o fato de não conseguirem se adaptar à capital paulista. Quando, em entrevista, Marcelino Freire é interrogado a respeito do seu primeiro livro, um volume de contos intitulado *Angu de sangue*, declara que

[Angu de Sangue é] um retrato do meu “choque” particular com a cidade de São Paulo. [...] O meu “angu” deixou de ser o “angu” da tradição, o de farinha, para ser o “angu” de sangue, o “angu” violento, violentado. (FREIRE, 2006).

Heleno, de maneira semelhante, em diversas passagens, refere-se à cidade de São Paulo com ódio e sentimento de não-pertencimento: “[Recife] de onde eu nunca devia ter saído, das pontes da minha cidade, de perto de meus pais, [...] São Paulo eu não escolhi, não tive a chance de escolher” (FREIRE, 2013, p. 68); “[...] essa merda de cidade, cada vez mais impossível” (FREIRE, 2013, p. 25).

O sofrimento do imigrante nordestino, tão bem retratado por Candido Portinari em *Os retirantes* (1944), adquire, em *Nossos Ossos*, outra perspectiva: a do nordestino que encontra diante dele um novo mundo no qual

² O autor é idêntico ao herói, que retrata ele mesmo [...].

IV Congreso Internacional Cuestiones Críticas

Rosario | 30 de septiembre, 1 y 2 de octubre de 2015

Centro de Estudios de Literatura Argentina | Centro de Estudios en Teoría y Crítica Literaria
Maestría en Literatura Argentina / Facultad de Humanidades y Artes - Universidad Nacional de Rosario



não consegue se encaixar. São Paulo dá oportunidades a Heleno para que consiga se tornar um ator de sucesso, conforme prometido: “Vamos para São Paulo, [...] lá a gente faz teatro para valer, [...] talentoso como você é, vão reconhecer logo o seu esforço” (FREIRE, 2013, p. 21). Entretanto, a cidade tirou de Heleno a sua ingenuidade:

A minha primeira vez com um michê foi por engano, eu não entendi o que queria de mim o rapaz com cara de índio, será que ele piscou mesmo para os meus olhos, balançou o sexo, sedutor, é sério? Eu fui lá saber o que era e saímos para o fundo de um fliperama, quase abandonado [...] aí ele me cobrou, ao final, uma ajuda para o trem, para o lanche [...] eu dei e me acostumei a procurá-lo na Estação da Luz [...]. (FREIRE, 2013, p. 33)

Heleno se torna, então, solitário, como o são grande parte dos narradores desse gênero híbrido.

O narrador da narrativa poética é portador de um desejo insatisfeito: por conta do trauma e da conseqüente incapacidade de se envolver emocionalmente com outra pessoa, Heleno intercala momentos de solidão com sexo casual com garotos de programa: “como todo sexo bom deve ser, feito aquele que fazíamos, sem sentimento” (FREIRE, 2013, p. 54).

Narrador característico desse gênero híbrido, Heleno tem reunidos à sua volta personagens que são como sombras, seres de papel cujas características físicas e psicológicas, passado e futuro só são apontados por ele caso tenham importância para a história. Heleno revela poucos dados a respeito de Cícero, por exemplo: sua origem comum – nordestina e humilde – que explica a ligação que surgiu entre eles: “a gente se uniu na saudade, no sotaque semelhante” (FREIRE, 2013, p. 46).

Recorrentemente, a narrativa poética tem origem em um forte abalo sofrido pelo protagonista; em *Nossos Ossos*, a morte de Cícero faz com que Heleno pense a respeito de sua vida até então, mais especificamente sobre o seu hábito de contratar garotos de programa: “Eu mesmo não presto, eu e meu pedaço de culpa, se não o tivesse estimulado àquela vida, ele poderia ter voltado à sua terra [...] terei de pagar por isto e meu pagamento seria tirá-lo da

IV Congreso Internacional Cuestiones Críticas

Rosario | 30 de septiembre, 1 y 2 de octubre de 2015

Centro de Estudios de Literatura Argentina | Centro de Estudios en Teoría y Crítica Literaria
Maestría en Literatura Argentina / Facultad de Humanidades y Artes - Universidad Nacional de Rosario



cama fria e hospedá-lo em terrenos mais sagrados” (FREIRE, 2013, p. 39); A única saída encontrada para conseguir o perdão de Cícero e dele mesmo é dar um enterro digno ao michê. A consciência de que é, de certa forma, culpado pelo destino do “boy” já é anunciada por Heleno logo no início da narrativa: “já estou indo, [...] carregando o que a arte dramática me deu, esta cara séria, meus olhos continuam verdes e profundos, minha alma nem dá na vista que apodreceu” (FREIRE, 2013, p. 15)

Ao descrever o mundo à sua volta, o narrador utiliza imagens que conduzem a narrativa ao lirismo: “no calçadão o carro funerário, estacionado, também parecia um navio, fantasma, e o boy morto, lá dentro, se banhava de sal, maresia”. Além disso, comparações e metáforas – recurso por excelência da poesia – são frequentemente utilizadas: “eu logo me imaginei em um outro palco, era apenas um mau ator o safado, daqui a pouco a luz do quarto se acenderá” (FREIRE, 2014, p. 40-41); “Seu Nestor, seu rosto era feito de um pergaminho, estava escrito, nos livros mais esquecidos, tanto sofrimento” (FREIRE, 2013, p. 114); “Filho da puta, até hoje essas palavras rebatem no meu juízo, fazem cicatriz em minha mente” (FREIRE, 2013, p. 22).

O capítulo “As lâminas” – no qual Heleno narra o momento em que motoqueiros assassinam covardemente o “boy” – curiosamente, é uma das partes do livro em que Marcelino Freire melhor demonstra seu talento poético, ao unir a morte brutal de Cícero à sensibilidade do narrador que captura, experimentando um momento de onisciência, os últimos pensamentos do michê: embora carregada de violência, a cena é construída por meio de imagens e comparações que suavizam e, até mesmo, conferem beleza ao acontecimento que atesta o destino trágico e inescapável dos marginalizados:

o boy sentiu que estava fodido e solitário, dança daqui, pula dali, foi ficando pequeno à luz do poste, [...] puxaram um punhal [...] raspa daqui, puxa e repuxa, a luminosa fúria acendendo a noite, nada escurecia [...]o boy tentou fechar a boca, cobrindo com as mãos o poço do peito, esse coração sem dono, seguiu gingando e xingando, até cair, de vez [...]. (FREIRE, 2013, p. 56-57)

IV Congreso Internacional Cuestiones Críticas

Rosario | 30 de septiembre, 1 y 2 de octubre de 2015

Centro de Estudios de Literatura Argentina | Centro de Estudios en Teoría y Crítica Literaria
Maestría en Literatura Argentina / Facultad de Humanidades y Artes - Universidad Nacional de Rosario



Porém, a característica poética mais marcante nas narrativas líricas é a linguagem elaborada, mais especificamente na presença de rimas, aliterações e assonâncias. Em *Nossos Ossos*, as páginas da história de Heleno são repletas desses recursos: “era o que ele garantia, desde o tempo em que me assistia, criança, lutando dentro daquela armadura defunta, feita de hélices, úmeros e plantas” (FREIRE, 2013, p. 28. Grifos meus); “estiletaram algum palavrão, cheio de exclamação, e foram embora, dar uma volta no quarteirão” (FREIRE, 2013, p. 55. Grifos meus).

A maneira como a narrativa é estruturada – a ausência de pontuação dentro dos parágrafos – permite que o leitor vá “montando” as frases, ou seja, inferindo qual pontuação se encaixa em que lugar para que o todo tenha sentido, “Tudo, no livro, vai ganhando vida ao toque do leitor” (FREIRE, 2014). A narrativa se constrói ao passo em que os ossos vão sendo desenterrados pelo leitor, assim como Heleno vai se constituindo conforme age ou pensa diante das situações: não há, na narrativa lírica, o “esmiuçamento” proporcionado pelo narrador realista, de modo que o personagem se desvenda aos olhos do leitor por meio de suas ações. Por conta disso, recorrentemente, o aspecto físico, tanto do narrador quanto dos demais personagens, são desconhecidos.

Ao final, morto, Heleno, depois de passar pela “provação”, volta para casa. O Heleno que deixa Sertânia e parte em direção a São Paulo, por ser ingênuo, passa por grandes sofrimentos; o Heleno que volta ao espaço da infância, da inocência, já não é o mesmo que deixou o sertão, mas o contato com a antiga alegria infantil, que se dá a partir do contato dos pés descalços com a terra, embora não apague as marcas e vestígios paulistanos – “[...] finco as garras, sertanejas, ora paulistanas, com elas eu seria capaz de garimpar o deserto, daquele mar de pó, em Sertânia, eu levantaria e adentraria verdadeiras garagens de concreto” (FREIRE, 2013, p. 120) – oferece redenção.

Referencias

IV Congreso Internacional Cuestiones Críticas

Rosario | 30 de septiembre, 1 y 2 de octubre de 2015

Centro de Estudios de Literatura Argentina | Centro de Estudios en Teoría y Crítica Literaria
Maestría en Literatura Argentina / Facultad de Humanidades y Artes - Universidad Nacional de Rosario



Freedman, Ralph. *The lyrical novel*. Londres: Oxford University Press, 1971.

Freire, Marcelino. *Nossos Ossos*. São Paulo:

----- *Contos negreiros*. Rio de Janeiro: Record, 2014.

----- *Marcelino Freire volta de viagem à Itália e diz: eu escrevo para me vingar*. [jun, 2006]. Entrevistador: Chico Lopes. Disponível em:

http://www.verdestrigos.org/sitenovo/site/cronica_ver.asp?id=992

----- *Marcelino Freire une sexo e morte em livro 'autopornográfico'*. [nov, 2013]. Entrevistador: Marco Almeida. Disponível em:

<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2013/11/1368715-escritor-marcelino-freire-une-sexo-e-morte-em-livro-autopornografico.shtml>

----- *Marcelino Freire: "A literatura que eu escolhi fazer já tem me levado a lugares aonde eu nem imaginava estar"*. [abr. 2014]. Entrevista ao site Livre Opinião. Disponível em:

<http://livreopiniao.com/2014/04/17/marcelino-freire-a-literatura-que-eu-escolhi-fazer-ja-tem-me-levado-a-lugares-aonde-eu-nem-imaginava-estar/>

Tadié, Jean-Yves. *le Récit poétique*. Paris : PUF écritures, 1978.